

Uma história possível do movimento LGBTI+

A possible history of the LGBTI+ movement
Una posible historia del movimiento LGBTI+

Rener de Melo Helena¹  0000-0001-7892-9563

Marcelo Victor da Rosa¹  0000-0002-0621-0389

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil. 79070-900 –
ppgedu.faed@ufms.br



QUINALHA, Renan.

Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias.

São Paulo: Autêntica, 2022

O livro *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*, escrito por Renan Quinalha, professor do curso de Direito e coordenador do NúcleoTrans da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), é resultado de anos de estudos, pesquisas e elaborações em torno da temática da diversidade sexual e de gênero. Em linguagem acessível, o autor busca ampliar o público de pessoas interessadas na história do movimento LGBTI+. O texto se destina tanto para quem já estuda as produções teóricas e ficcionais que envolvem as diferenças sexuais e de gênero quanto às que desejam uma introdução às discussões presentes no livro.

Logo no início do texto, o autor faz uma breve discussão acerca das letras que compõem a sigla LGBTI+. O objetivo é identificar as identidades que constituem a comunidade, pois a sigla é fruto de negociações sociais que variam de acordo com o contexto cultural, histórico e a quem se quer comunicar. Nas palavras de Renan Quinalha (2022, p. 11)

Assim, opto, para os propósitos e objetivo deste livro, pelo uso da sigla LGBTI+ que tem sido a formulação mais consensual no âmbito do movimento organizado no Brasil, incluindo pessoas intersexo e com um sinal de “+” que expressa o caráter indeterminado, aberto e em permanente construção dessa comunidade que desafia as estruturas binárias e heterocisnormativa da nossa sociedade.

A fim de historiografar o movimento, o autor passa pela Alemanha do fim do século XIX, cujo epicentro do protoativismo marcou a afirmação de uma identidade homossexual; pelos Estados Unidos após a Segunda Grande Guerra, com destaque ao pioneirismo dos grupos homófilos da década de 1950, e, mais especialmente, aos coletivos que surgiram a partir da tão famosa Rebelião de Stonewall em 1969; até chegar ao eixo Rio-São Paulo de 1970 e aos nossos dias, elaborando uma reflexão acerca do desenvolvimento das principais bandeiras, sujeitos e organizações do ativismo organizado. O autor ainda mobiliza referências conceituais, históricas e da memória LGBTI+ com o propósito de apontar os desafios postos às lutas por liberdade sexual e de gênero na atualidade do nosso país. O objetivo do livro é ser um convite

à ação política e à luta justa por democracia, diversidade, igualdade e diferenças. Ao fazer as pesquisas e escrever a obra, Renan ainda afirma no texto que aprendeu mais do que ensinou.

Renan compreende que a história LGBTI+ é uma história de ausências, de lacunas e de silenciamentos, embora não haja, contudo, uma única história possível de ser narrada, afinal há sempre vários pontos de partidas. Um ponto negativo é que o livro também produz lacunas, pois fica a vontade de conhecer mais sobre a história do movimento dentro do Brasil para além da região Sudeste. Desde tempos remotos, existem pessoas que desafiam as normas de gênero e sexualidade ao longo da história, pois não se conformam com os binarismos; logo, transitam com maior criatividade entre as fronteiras. Por conta das diversas violências sofridas no cotidiano, a comunidade LGBTI+ constrói territórios de sociabilidade, cria modos de vida autênticos e estrutura redes de afetos. Apesar das violências, as famílias LGBTI+ sempre existiram.

É sabido desde antes das reflexões propostas por Felipe Carvalho e Fernando Pocahy (2020) que se aprende e se ensina a odiar outras pessoas em nosso tempo. Há produção de ódios nas redes sociais, discursos políticos etc. Essas ambiências causam tensionamentos ético-políticos na sociedade. O que podemos notar ainda é o pânico às possibilidades de diferenciações. Ora, tratando da palavra “diferenças”, ela é de extrema potência na construção do nosso dia a dia, pois também estamos atentos ao esvaziamento das próprias diferenças na palavra “diversidade”, que, por vezes, pode ser capturada pelo neoliberalismo. Há tentativas de administração da vida dos/as outros/as por meio da imposição dos próprios desejos. Por consequência, acreditamos que as diferenciações possíveis no mundo contemporâneo devem ser intensificadas (Anete ABRAMOWICZ; Tatiane RODRIGUES; Ana CRUZ, 2011).

Ao abordar diversos assuntos polêmicos dentro das temáticas de sexualidade, o autor não deixa de refletir sobre os campos dos discursos médico-científico e jurídico (entende-se patologizações e criminalizações) das diferenças. São justamente os campos de discursos e práticas que se pode perceber o controle político de subjetividades, pois ditam o que é saúde, doença e o que é juridicamente aceitável. Esses discursos, segundo o autor, embora tenham possibilitado a promoção da politização de determinadas identidades, por vezes, perturbam vidas dissidentes (que não se conformam e/ou que divergem das normas, nesse caso, de gênero e sexualidade). A “subcultura” se forma, portanto, em contraposição à cultura hegemônica. Sabe-se que, por muitas vezes, os lares de pessoas LGBTI+, ao invés de serem lugares de abrigo e acolhimento, podem vir a ser campos de violências. O grande desafio é construir, a partir de fragmentos, o sentido positivo – e/ou orgulhoso – da própria existência. É força, luta e resiliência.

O autor também comenta as discussões em volta do essencialismo e do construcionismo. Uma questão que elucida o debate é a seguinte: tudo estaria inscrito nos códigos genéticos e nos dados biológicos ou estaria relacionado às próprias práticas sociais de cada contexto sociocultural? Ou ainda: é produto da natureza e a-histórico ou é produto da cultura e da linguagem?

O essencialismo e o construcionismo são maneiras de entender as identidades políticas nos campos de gênero e sexualidade. São duas abordagens que pautam as formulações e estratégias do movimento em seus diversos momentos, afinal essas são identidades que vêm sendo ressignificadas e que abrem caminhos para as ações políticas e de conquistas de direitos em prol da equidade. É a estrada que pode ter como ponto de partida a vergonha, mas que, certamente, alcança o orgulho. Ainda é verdadeiro afirmar que o movimento LGBTI+ avançou, mas é preciso preservar as conquistas materializadas lutando por cidadania efetiva.

Renan Quinalha comenta sobre a polêmica e o pânico moral em volta da chamada “ideologia de gênero”, que, no livro, recebe significado diferente à ideologia designada pelos/as conservadores/as: “estou falando de um sistema que interpela e constitui os sujeitos a partir de alguns princípios elementares que definem o que é normalidade” (QUINALHA, 2022, p. 36). Aliados às mentiras e às propagações de *fake news* acerca do tão discutido *kit gay*¹, ajudaram a levantar e decidir a eleição de um governo conservador (ou de extrema-direita) no Brasil em 2018. Desse modo, afirmamos que se faz importante se atentar à história política de lutas e superações a fim de que tal fatalidade não se repita.

O acesso ao conhecimento tem papel primordial na manutenção da democracia. Compreendemos que a memória e a história do movimento LGBTI+ têm importância não somente para se conhecer o passado, mas também para projetar o futuro, ou seja, é preciso cuidar das formas de ação no próprio presente. Que nas escolas sejam debatidas questões de gênero e sexualidade, a fim de ampliar e seguir com as discussões sobre temas tão caros à nossa sociedade. A ideia é compartilhar vivências, experiências e aprendizagens que nossas próprias histórias podem nos proporcionar – e que são tantas!

Inclusive, a história do movimento LGBTI+ vai na contramão do autoritarismo, da competitividade e do individualismo: é luta coletiva, repleta de acolhimentos, sensibilidades e solidariedades. É preciso dar dimensão coletiva às individualidades, afinal vivemos em

¹ É como ficou conhecida a cartilha “Escola Sem Homofobia” que orientava professores/as em atividades de combate à homofobia.

comunidades e também somos coletividades. Nós também somos responsáveis uns/umas pelos/as outros/as; estamos juntos/as nessa trajetória e nas narrativas. Por isso, é preciso politizar determinadas identidades, afinal são notáveis as desigualdades e opressões persistentes no cotidiano de diferentes pessoas a partir de marcadores sociais que se interseccionam, tais como sexo, gênero, raça, classe etc.

Aprende-se, portanto, que a história do movimento LGBTI+ contada por Renan tem o seu currículo (Tomaz Tadeu da SILVA, 2013) e a sua pedagogia cultural (Sandro BORTOLAZZO, 2020) incorporados em sua própria trajetória de lutas, resistências, narrativas coletivas e plurais. O volume produz o social por meio de saberes e conhecimentos. É importante ressaltar que as histórias LGBTI+ não caminham sozinhas, mas de mãos dadas com outros movimentos, tais como o de negros/as, mulheres, indígenas, sem-terra, pessoas com deficiências, trabalhadores/as etc. Embora já existam, é preciso proporcionar espaços e interlocuções, de maneira a ampliar ainda mais o senso de comunidades entre todas/es/os.

Por fim, a obra é um convite para embarcar em uma história enriquecedora. É preciso conhecer e se orgulhar do movimento LGBTI+ a fim de valorizar a potencialidade das nossas diferenças. O livro é um recurso poderoso para a conscientização e sensibilização dos/as leitores/as, além de ser bastante apropriado ao trazer possibilidades de amplificar discussões e qualificar o debate público sobre o tema, tendo muito a contribuir com o desenvolvimento desse campo de pesquisa. É preciso ainda que haja mais leituras e diálogos, a fim de se produzir processos de aprendizagens, em nome da justiça, da liberdade e da pluralidade de existências e vivências. Vamos todas, todes e todos construir um futuro mais igualitário (sempre em movimentos).

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. "A diferença e a diversidade na educação". *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, n. 2, p. 85-97, dez. 2011. Disponível em <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/38>. Acesso em 02/07/2023.

BORTOLAZZO, Sandro. "Os usos do conceito de pedagogias culturais para além dos oceanos: uma análise do contexto Brasil e Austrália". *Momento: Diálogo em Educação*, Rio Grande, v. 29, n. 2, p. 315-336, dez. 2020. Disponível em <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8674>. Acesso em 02/07/2023.

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. "Odiados pela nação: como ensinamos e aprendemos a odiar a diferença?". *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 47-66, abr. 2020. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7994>. Acesso em 02/07/2023.

QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*. São Paulo: Autêntica, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. "Currículo e identidade social: territórios contestados". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 185-201.

Renner de Melo Helena (renner.melo@ufms.br, rennermelo_2@hotmail.com) é doutorando em Educação na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Mestre em Educação na linha de pesquisa Gênero e Sexualidades, Cultura, Educação e Saúde pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus do Pantanal – UFMS/CPAN –, possui graduação em Psicologia (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Marcelo Victor da Rosa (marcelo.rosa@ufms.br) possui doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Graduação em Educação Física (licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar, Dança, Gênero, Sexualidade e Corpo.

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

HELENA, Rener de Melo; ROSA, Marcelo Victor da. "Uma história possível do movimento LGBTI+". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 32, n. 1, e95812, 2024.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Rener de Melo Helena: Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, validação, visualização, escrita (rascunho original) e escrita (revisão e edição).

Marcelo Victor da Rosa: Curadoria de dados, análise formal, investigação, supervisão, visualização, validação, escrita (revisão e edição).

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 06/08/2023
Reapresentado em 19/09/2023
Aprovado em 13/10/2023

